



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

GABRIELA GRANJEIRO LUCENA

OS PRINCÍPIOS EPICURISTAS NA POÉTICA DE ALBERTO CAEIRO,
HETERÔNIMO DE FERNANDO PESSOA

João Pessoa

2020

GABRIELA GRANJEIRO LUCENA

**OS PRINCÍPIOS EPICURISTAS NA POÉTICA DE ALBERTO CAEIRO,
HETERÔNIMO DE FERNANDO PESSOA**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vanessa Neves Rimbau Pinheiro.

João Pessoa

2020

L935p Lucena, Gabriela Granjeiro.

Os Princípios Epicuristas na Poética de Alberto Caeiro,
Heterônimo de Fernando Pessoa / Gabriela Granjeiro
Lucena. - João Pessoa, 2020.

30 f.

Orientação: Vanessa Neves Riambau Pinheiro.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Alberto Caeiro, epicurismo, princípios epicuristas.
I. Pinheiro, Vanessa Neves Riambau. II. Título.

UFPB/CCHLA

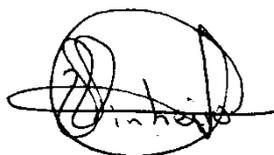
GABRIELA GRANJEIRO LUCENA

**OS PRINCÍPIOS EPICURISTAS NA POÉTICA DE ALBERTO CAEIRO,
HETERÔNIMO DE FERNANDO PESSOA**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovada em: 19/03/2020

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Vanessa Neves Rimbau Pinheiro (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Me. Rodolfo Moraes Farias
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Ma. Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela minha vida
E aos meus pais, Kátia e Marco, por me possibilitarem viver
Devo a eles tudo o que sou e aprendi...
Eles são a alegria e a calma quando preciso ter.
Aos “Granjeiro Lucena”, meus irmãos, Larissa e Ramon,
Agradeço pelo apoio fraterno, e a toda minha família pela torcida,
Ao meu namorado, Anderson, agradeço pelo companheirismo,
Amor e incentivo para ir além e crescer a cada dia.

Agradeço, profundamente, a minha psicóloga Roseane,
Que tem me ajudado a superar a depressão,
Mais do que isso, a me conhecer e redescobrir,
Ressignificar a minha história e fechar a porta da graduação.
Agradeço também ao meu psiquiatra, Dr. Hermano,
Que além de me passar a receita do remédio,
Passa otimismo, fé e boa vibração.

Agradeço, imensamente, a minha querida orientadora,
Que também foi minha professora, Vanessa Rimbau,
Foi nas aulas dela que conheci melhor Fernando Pessoa,
Seus heterônimos, Caeiro e o modernismo em Portugal.
Ela foi a melhor professora de literatura que tive até hoje,
E como orientadora é eficaz, compreensiva, exemplar,
A ela agradeço por ter me apresentado a obra Pessoaana,
E, especialmente, por ter aceitado me orientar.
Agradeço por todas as orientações, conversas, encontros,
E, acima de tudo, por não ter desistido de mim, que emoção!
Aos membros da banca, Rodolfo e Thamires, e ao coordenador Cirineu,
Agradeço por tornarem realizável o meu sonho da graduação.

Agradeço, eternamente, a todos os professores que tive na vida,

Com especial carinho aos de português, literatura e redação,
Que me apresentaram a leitura, a escrita e a poesia,
Que me guiaram ao curso de Letras, escolha do coração!
Sou apaixonada pelo curso de Licenciatura em Letras-Português
Por isso agradeço a todos os professores que nele conheci,
A minha turma 2014.2, enfim, a todos que me ajudaram,
Pois, sem a ajuda de cada um, eu não teria chegado até aqui.

Agradeço, finalmente, a mim mesma!
Pela persistência, esforço e força de vontade
Por não ter desistido de me formar
E tornar esse sonho realidade.

RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso objetiva demonstrar através de poemas de Alberto Caeiro a correlação entre suas ideias com as do epicurismo. Para isso, foram escolhidos quatro princípios epicuristas, que são a felicidade, a serenidade, a simplicidade e as sensações, para serem analisados com quatro poemas de Caeiro: *IX – Sou um Guardador de Rebanhos*; *XXI – Se Eu Pudesse*; *I – Quando Eu Não Te Tinha*; *XLIX – Meto-me para Dentro*. As principais bases teóricas utilizadas foram a *Obra Completa de Alberto Caeiro*, de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari, dois expoentes da crítica literária sobre a obra de Fernando Pessoa; a *Carta a Meneceu sobre a Felicidade*, de Epicuro, o fundador do epicurismo, cuja tradução é de Lúcio Jakobsmuschel; o artigo *O Epicurismo na Poesia de Alberto Caeiro*, de Leonardo Borges Mendonça, integrante do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, sob a orientação da Prof.^a Débora Cristina Santos e Silva; e a dissertação de mestrado, da Área de Concentração em Filosofia Teórica e Prática, *Epicuro e o Epicurismo: A filosofia enquanto exercício para o bem-viver*, de Rogério Lopes dos Santos.

Palavras-chave: Alberto Caeiro; epicurismo; princípios epicuristas.

ABSTRACT

This monograph aims to demonstrate through Alberto Caeiro's poems, the correlation between his ideas and those of epicurism. For this, four Epicurean principles were chosen, which are happiness, serenity, simplicity and sensations, to be analyzed in four Caeiro poems: *IX - I Am a Keeper of Flocks*; *XXI - If I Could*; *I - When I Wasn't With You*; *XLIX - I Put Myself Inside*. The main theoretical bases used were *The Complete Works of Alberto Caeiro*, by Jerónimo Pizarro and Patricio Ferrari, two exponents of literary criticism about Fernando Pessoa's work; *Letter on happiness to Menoecus* by Epicurus, whose founder is the philosopher Epicurus, translated by Lúcio Jakobsmuschel; the article *Epicureanism in Alberto Caeiro's poetry*, by Leonardo Borges Mendonça, member of the Literature course at the State University of Goiás, with assistance from Prof. Débora Cristina Santos e Silva; and the master's thesis, of the Area of Concentration in Theoretical and Practical Philosophy, *Epicurus and Epicureanism: Philosophy as an exercise in well-being*, by Rogério Lopes dos Santos.

Keywords: Alberto Caeiro; epicureanism; epicurean principles.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| 1 CAEIRO E SUA POESIA | 12 |
| 2 EPICURISMO E A FELICIDADE, SERENIDADE, SIMPLICIDADE E AS SENSações ... | 16 |
| 3 ANÁLISE DOS POEMAS | 20 |
| 4 CONCLUSÃO | 28 |
| REFERÊNCIAS | 30 |

INTRODUÇÃO

A poesia transforma as palavras e seus significados no texto e a visão de mundo no leitor. Ler poesia é aprender um jeito novo de ver as coisas, é pensar diferente e com mais leveza e profundidade, escrevê-la é exercitar a criatividade à serviço da sensibilidade e inteligência, por isso que o poema é apenas mais uma das muitas expressões da poesia. Subjetivamente, ela se expressa através de outras linguagens artísticas como na dança, na escultura, na pintura, no teatro, e também está numa paisagem, na natureza, num sorriso de uma criança, e em qualquer outra coisa que se possa ver beleza. Diante dessa forma de entender e sentir a poesia, direcionada aqui ao texto poético com todas as suas características tradicionais, isto é, o verso, a rima e a métrica, o quão perturbador (no bom sentido da palavra) é se deparar com um poeta como Alberto Caeiro, que não se importa com nada relacionado a forma, capaz de dizer: “Não me importo com as rimas. Raras vezes/Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra” (CAEIRO, 2005, p. 27)¹, mas, mesmo assim, ele é um grande poeta. Como pode o antipoético ser poético? Essa foi uma das perguntas geradoras dessa pesquisa.

Outra questão matriz foi: o que mais encanta na poética de Caeiro? A razão de termos escolhido esse poeta, ao invés de tantos outros foi, primeiramente, porque desperta curiosidade ele ser um poeta atípico, um autor fictício, também chamado de “heterônimo”, que é muito diferente de “pseudônimo”. Como já sugere na etimologia dessas palavras, a primeira, “nome diferente”, é uma individualidade fictícia, com data de nascimento e de morte, com peculiaridades no caráter e no fazer poético, dessemelhantes do autor, na maioria das vezes. Apesar de não ser o único poeta a fazer uso desta estratégia, o poeta português Fernando Pessoa (1888-1935) é o mais referenciado pelos seus heterônimos, dentre eles o Caeiro, e explica o que representam: “Por qualquer motivo temperamental que me não proponho analisar, nem importa que analise, construí dentro de mim várias personagens distintas entre si e de mim, personagens essas a que atribuí poemas vários que não são como eu, nos meus sentimentos e ideias, os escreveria”, como consta na introdução do livro *Poesia de Ricardo Reis* (PESSOA, 2006, p. 12). O segundo, “nome falso”, é apenas um outro nome que o autor utiliza para assinar seus textos ou ser conhecido assim, logo a principal diferença entre um e outro é a identidade mantida do autor. É o caso de vários poetas árcades, como os brasileiros Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810), que assinava seus poemas como “Dirceu”, e Cláudio Manuel da Costa (1729-1789),

¹Poema XIV.

conhecido como “Glauceste Saturnio”, que não demonstraram ter diferenças de espécie nenhuma entre os escritos que assinaram com seus nomes verdadeiros e com os falsos.

Ainda a respeito da questão anterior, foi escolhido esse heterônimo de Fernando Pessoa, e não outro, porque Caeiro surpreende por ser extremamente simples, sereno e feliz, qualidades essas que, particularmente, admiramos e nos identificamos. Ele comprova que a poesia está muito mais no significado das palavras do que na forma. Ademais, seu pensamento concreto e materialista, ao mesmo tempo que é descomplicado e genuíno, contribui, inclusive, para o equilíbrio da emotividade e abstrações excessivas que causam sofrimentos vários e doenças psíquicas-emocionais, como a depressão. Quando Caeiro diz, por exemplo, nesses versos do poema XXI – *Se Eu Pudesse*, que será analisado neste trabalho: “É preciso ser de vez em quando infeliz/Para se poder ser natural” e também “O que é preciso é ser-se natural e calmo/Na felicidade ou na infelicidade,/Sentir como quem olha,/Pensar como quem anda”, mostra a sua naturalidade em lidar com as dificuldades. Converte, nesse ponto, com a filosofia epicurista, que propõe a busca pela ataraxia, um estado de imperturbabilidade físico e mental, em todos os momentos da vida. A filosofia tem muito a contribuir com a literatura, pois estimula o pensar crítico e reflexivo e o agir consciente, assim como o texto poético transforma o pensamento filosófico em arte inteligível e ainda mais bela. Diante dessas razões, concluímos que o encanto e o cunho poético dos versos de Caeiro estão no modo como ele é e se expressa, como pensa, age e vê o mundo, que representa, em uma palavra, o epicurismo.

Assim, o objetivo desse trabalho de conclusão de curso é demonstrar através de poemas de Caeiro a correlação entre suas ideias e as do epicurismo. Para esse fim, a pesquisa foi feita de forma bibliográfica qualitativa, tendo como referências teóricas principais os livros *Obra Completa de Alberto Caeiro*, dos autores Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari; Pizarro é tradutor, crítico, editor e professor da Universidade dos Andes. Já coordenou mais de dez obras sobre Fernando Pessoa em diversas editoras renomadas, como a INCM (Imprensa Nacional Casa da Moeda), com títulos como *Livro do Desasoscego* (2010), sendo a primeira edição crítica desse livro; a Ática com o livro *Pessoa Existe?* (2012); e a Dom Quixote com a obra *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa* (2010), que contou novamente com a coautoria do Ferrari (WOOK, 20--a). Este também é editor, crítico literário e tradutor, estudioso da poética de Fernando Pessoa, com especial afinco às poesias inglesas e francesas do poeta (WOOK, 20--b). O outro livro basilar dessa pesquisa foi *Carta a Meneceu sobre a Felicidade*, de Epicuro, cuja tradução recente, de 2019, introdução e notas são de Lúcio Jakobsmuschel, admirador e estudioso da obra do filósofo. Além desses, utilizamos o artigo *O Epicurismo na Poesia de*

Alberto Caeiro, de Leonardo Borges Mendonça, até então estudante do 4º ano de letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e bolsista do PIBIC-CNPq, em 2006, ano que escreveu o artigo, juntamente com sua orientadora Débora Cristina Santos e Silva, mestre em Literatura Brasileira pela UFG, doutora em Teoria da Literatura pela UNESP e líder do Grupo de Apoio à Pesquisa em Estudos Linguísticos e Literários da UnUCSEH (GAPELL). E, para finalizar as bases teóricas principais, utilizamos a dissertação de mestrado *Epicuro e o Epicurismo: A filosofia enquanto exercício para o bem-viver*, de Rogério Lopes dos Santos, da Área de Concentração em Filosofia Teórica e Prática do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, orientado pelo prof. Dr. Miguel Spinelli, da Universidade de Santa Maria (RS). Além das referências supracitadas, outras serão mencionadas no decorrer da monografia.

Por fim, o trabalho foi organizado em quatro capítulos. O capítulo 1 se propõe a apresentar esmiuçadamente Alberto Caeiro e responder que tipo de poeta ele é e, para isso, é discutido a visão dos críticos literários Jerónimo Pizarro e Patrício Ferrari, de Fernando Pessoa e também de Caeiro. O capítulo 2 visa apontar e discutir os princípios epicuristas da felicidade, da serenidade, da simplicidade e das sensações, através do próprio Epicuro e dos seus estudiosos Lúcio Jakobsmuschel, Rogério Lopes dos Santos, Leonardo Borges Mendonça e Débora Cristina Santos e Silva. O capítulo 3 objetiva reunir as teorias e discussões anteriores como respaldo para analisar quatro poemas de Caeiro à luz do epicurismo, são eles: *IX – Sou um Guardador de Rebanhos*; *XXI – Se Eu Pudesse*; *I – Quando Eu Não Te Tinha*; *XLIX – Meto-me para Dentro*. Para, enfim, no capítulo 4, apresentar sinteticamente os resultados referentes à correlação das ideias caeirianas e epicuristas.

1 CAEIRO E SUA POESIA

O dia em que Caeiro surgiu para Fernando Pessoa foi denominado por ele de o “Dia Triunfal” da sua vida. Em 8 de março de 1914, quando Pessoa se acercou da sua cômoda alta e, de pé, como costumava fazer vez ou outra, começou a escrever, teve uma inspiração descomunal e escreveu horas à fio, compulsivamente. Foi um verdadeiro surto poético, que se intitulou *O Guardador de Rebanhos* (1943), primeira obra caeiriana. Ele nascera em 16 de abril de 1889, mas foi dessa forma triunfal que o poeta português o conheceu. Na visão de Pizarro e Ferrari (2018), há o primeiro Caeiro, que surgiu em 1914, e o segundo, já póstumo, que aparece nas falas dos heterônimos Ricardo Reis e Álvaro de Campos, nas revistas *Athena* (1925) e *Presença* (1931), e no livro caeiriano *Poemas Inconjunctos* (1943), cujos poemas são quase todos póstumos. É também de sua autoria o conjunto de poemas em *O Pastor Amoroso* (1943).

Embora casualmente, esse heterônimo de Fernando Pessoa teria surgido motivado por um desejo dele de criar um “poeta bucólico e de espécie complicada”, segundo sua própria definição, para fazer uma despedida ao seu amigo e poeta Mário de Sá-Carneiro, que pretendia se suicidar e de fato o fez em 1916. O dia triunfal foi quando, desesperançoso após muitas tentativas fracassadas, cumpriu essa missão. Os críticos Pizarro e Ferrari (2018) trazem até a hipótese de que o nome “Caeiro” provavelmente é derivado de “Ca[rm]eiro” e vão mais além ao inferir que a morte do heterônimo, em 1915, isto é, um ano após seu surgimento para Pessoa, teve ligação direta com o desaparecimento de Sá-Carneiro nesse período. Fato é que depois do dia do surgimento, Caeiro passou a ser o mestre de Pessoa e, mais adiante, de Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

Quem é, afinal, Alberto Caeiro? Que tipo de poeta ele é? Essas são duas perguntas que muitos críticos e amantes da literatura fazem e procuram responder, inclusive Fernando Pessoa e o próprio Caeiro. Respondem, a esse respeito, Pizarro e Ferrari (2018, p. 15): “Caeiro ocupa um lugar central no universo pessoano, porque, sendo a imagem do poeta mais natural é, ao mesmo tempo, a encarnação do poeta mais artificial”. Por “natural”, nesse contexto, compreende-se a pessoa que é espontânea e por “artificial” a que é falsa, fingida. Portanto, é a tensão entre a espontaneidade e o fingimento. Na visão dos autores, o fato de não existir nada nem ninguém perfeito em alguma coisa, o perfeitamente natural de Caeiro na sua poética é simultaneamente artificial na realidade humana.

Ainda sob essa mesma perspectiva os autores afirmam (PIZARRO; FERRARI, 2018, p. 17): “Caeiro é um mito de uma série de absolutos: a objetividade, a espontaneidade, a naturalidade”. Aqui, o sentido de “objetividade” está relacionado ao que a filosofia entende

que, sucintamente, é o que possui validade universal e é resultado de uma observação imparcial, independente de fatores pessoais como religião, cultura, época ou lugar (OBJETIVIDADE, 2017). No livro *Páginas Íntimas e de Auto-interpretação* (PESSOA, 1966 apud PIZARRO; FERRARI, 2018, p. 290), Fernando Pessoa comenta sobre a objetividade caeiriana: “Longe de ver sermões nas pedras, nem sequer admite uma pedra como ponto de partida de um sermão. Para ele, o único sermão que uma pedra contém é que existe. A única coisa que uma pedra lhe diz é que não tem nada de nada para lhe dizer”. Essa é uma maneira extremamente objetiva de ver uma pedra, que condiz com a afirmação dos autores sobre Caetano. Quanto aos adjetivos “espontaneidade” e “naturalidade”, no contexto, deixam de ser sinônimos, assumindo, o segundo, o sentido de estar de acordo com a natureza, com os fenômenos naturais, isto é, levar as coisas de forma serena. O termo “mito” resume bem o que Caetano representa, pois só na ficção é possível ser absoluto em alguma coisa, ainda mais quando plural.

A fim de justificar a naturalidade dos versos caetanos, ninguém melhor que o próprio Caetano para responder que são naturais porque escreve: “em verso sem rima nem ritmo, com as pausas do nosso fôlego e sentimento”² (PIZARRO; FERRARI, 2018, p. 236), ou seja, da mesma forma que fala. O que seria, em termos técnicos, versos livres, com estilo simples e direto. O seu discípulo Fernando Pessoa afirma, na carta a Armando Côrtes-Rodrigues, que se há uma parte da obra dele que tenha um cunho de sinceridade, essa parte é a obra de Caetano. Além disso, afirma, no material preparatório do artigo para a revista *A Águia*, trazendo a seguir mais uma característica do heterônimo estudado, que a obra caetana é “assombrosamente original”. Este advérbio de modo, semanticamente, adere um valor, mais uma vez, absoluto ao adjetivo, sendo assombroso, impressionante, absoluta a originalidade da obra de Caetano, isto é, o caráter de nova, fora do comum dela. Pessoa volta a enfatizar essa característica da obra do seu mestre, dessa vez no texto em inglês para divulgar *O Guardador de Rebanhos* na Inglaterra (PIZARRO; FERRARI, 2018, p. 260): “Um poeta que representa uma absoluta novidade, uma obra completamente à parte de todas as tradições literárias, sejam elas de que tipo forem”. Ainda no referido texto, ele explica a originalidade do seu mestre:

Alberto Caetano é o poeta do materialismo absoluto. Esta é a sua primeira originalidade: nunca existiu, propriamente falando, um poeta do materialismo... A segunda inovação é que Caetano dá ao seu absoluto materialismo uma cor e uma intensidade poéticas que só nos acostumamos a encontrar na mais elevada poesia espiritualista.

O materialismo em questão é segundo a doutrina filosófica respaldada em alguns filósofos pré-socráticos, como Demócrito e Epicuro (de quem abordaremos mais adiante), que

²A linguagem foi atualizada para melhor compreensão.

encontram na matéria e no seu movimento a realidade fundamental do universo e explicação para todos os fenômenos naturais, se opondo aos princípios da metafísica, que busca transcender às explicações unicamente físicas. A metafísica foi amplamente discutida por filósofos como Platão e, posteriormente, Aristóteles, cuja base das discussões é a essência das coisas, além da própria coisa, da matéria, por isso abrange questões como a alma e Deus (MIRANDA, 2019). Portanto, a originalidade e beleza da obra caeiriana reside na capacidade de ser absolutamente materialista, sem deixar de ser leve, espontânea, natural, sincera, simples, poética. No entanto, em entrevista com Caieiro, perguntado se é materialista, ele respondeu que não é (PIZARRO; FERRARI, 2018, p. 235):

Não, não sou nem materialista nem deísta nem cousa nenhuma. Sou um homem que um dia, ao abrir a janela, descobriu esta cousa importantíssima: que a Natureza existe. Verifiquei que as árvores, os rios, as pedras são cousas que verdadeiramente existem. Nunca ninguém tinha pensado n'isto.

Podemos definir Caieiro assim: um pastor que vive no campo, ama a natureza mais que tudo, é quase ignorante das letras, quase sem convívio social e sem cultura, não estuda nem tem profissão, mas é extraordinariamente sábio. Prefere não se definir como materialista ou qualquer outra coisa, porque ele se vê de forma mais simples e concreta, sem ideias pré-concebidas, rótulos sociais ou culturais, até porque ele vive recluso. No entanto, ele não deixa de ser materialista só por não aceitar ser visto assim, apenas tem uma visão diferente sobre si mesmo e prefere que o vejam como um homem que descobriu a existência da natureza. Mais adiante, mostraremos outra afirmação dele se denominando como um poeta materialista. Afinal, em toda sua obra é possível identificar o materialismo, até nos mínimos detalhes. Por exemplo, no seu livro *O Guardador de Rebanhos*, a única informação que ele deu sobre sua aparência física foi que têm olhos azuis. Essa atitude pode parecer alheia, mas diz muito sobre Caieiro, pois para ele a única realidade provém das sensações e a visão é o principal sentido pelo qual se conhece o mundo. O mais instigante, e até engraçado, é que ele descreve o mundo sem pensar nele e cria um conceito do universo que não contém uma interpretação, é o que é. Como ele mesmo diz em um dos seus poemas “Pensar é estar doente dos olhos”, porque ter a visão é o suficiente para ver e conhecer as coisas, pensar é supérfluo. Tudo isso reflete uma visão materialista das coisas.

Mais uma vez utilizando o texto de divulgação da obra caeiriana em terras inglesas, dessa vez para ressaltar outra característica da sua obra, Pessoa afirma (PIZARRO; FERRARI, 2018, p. 260):

As coisas são para ele realidades absolutas, mais reais do que as nossas sensações delas. O pensamento é uma doença. O pensamento poético é uma anomalia. A metafísica é delírio. O misticismo é um tipo de tédio. E, embora absoluta e inteiramente coerente com estas teorias, Caeiro não pode ser descrito senão como um grande poeta, como um pensador, como um mestre da expressão e do pensamento poéticos, como um metafísico em verso e, essencialmente, um místico. A resolução da contradição numa unidade viva e real de inspiração e expressão é o segredo da sua suprema grandeza.

Então, o discípulo descreve o mestre como um grande poeta e pensador, cuja suprema grandeza é justamente a contradição entre o que ele é e acredita. Como a crença das coisas serem realidades absolutas, a metafísica um delírio e o misticismo um tipo de tédio, ou seja, um materialista em essência, mas é nítido, inclusive por Pessoa, que ele é um “metafísico em verso”, pois “delira” a partir do momento que transcreve seus pensamentos em versos, com tal profundidade, que vai além do dito. Também é “essencialmente, um místico”, no instante que endeusa as coisas e a natureza.

Porém, nada melhor que o próprio autor para se descrever. No livro *Guardador de Rebanhos*, Caeiro faz cinco afirmações sobre si próprio como poeta, que abrange e caracteriza também sua obra e sua filosofia, são essas: um poeta materialista; um poeta concreto, isto é, das coisas, sem acréscimo de ideias pré-concebidas; um poeta espontâneo; um poeta da Natureza, ou seja, antimetafísico; e um poeta ingênuo e simples (PIZARRO; FERRARI, 2018, p. 248). Já de forma poética, ele se define assim, no poema XLVI: “Sou o Descobridor da Natureza,/Sou o Argonauta das sensações verdadeiras./Trago ao Universo um novo Universo/Porque trago ao Universo ele próprio”. Enfim, Caeiro é simplesmente Caeiro e sua poesia nada mais é do que sua poesia, porque ele e suas palavras são poeticamente objetivas e claras. Apesar de ter morrido de tuberculose um ano depois de ter aparecido na vida de Fernando Pessoa, sua singularidade se perpetuou através de seus discípulos e ele e sua obra são lembradas e estudadas até hoje.

2 EPICURISMO E A FELICIDADE, SERENIDADE, SIMPLICIDADE E AS SENSações

Para compreendermos o epicurismo é preciso voltar no tempo, mais precisamente em 341 a.C., no demos ateniense Gargetos, onde Epicuro nasceu, mas teria sido criado na Ilha de Samos, na Grécia Antiga, e teria morrido em 270 a.C, com mais ou menos 70 anos de idade. Desde criança demonstrou interesse pela filosofia e começou a estudar a partir dos 14 anos. Em determinada época, começou a lecionar e passou por várias localidades, como Mitilene, Ilha de Lesbos, Lâmpsaco, antes de fundar a sua própria escola em um jardim de Atenas, no ano de 306 a.C. Pouco tempo depois ele e seus discípulos passaram a ser chamados de “Filósofos do Jardim”. Coincidência ou não, Epicuro teve três discípulos fiéis, igual a Caeiro, aos quais endereçou três cartas, uma para cada um, que resumem os princípios da sua filosofia. Uma foi a *Carta a Heródoto*, que representa sua crença sobre a metafísica, enfatizando que os deuses não tem influência sobre o ser humano e que este não tem uma alma imaterial; a outra foi a *Carta a Pitócles*, que dá explicações atômicas para fenômenos meteorológicos, defendendo a tese que o constituinte básico do mundo são os átomos e por isso é possível explicar os fenômenos naturais em termos atômicos; e a *Carta a Meneceu*, mais conhecida como a “Carta sobre a Felicidade”, que sintetiza a sua ética e seu entendimento sobre a felicidade, que, segundo ele, é a busca constante pelo prazer, isto é, pela serenidade do corpo e da mente, conquistada por meio da simplicidade e superação do medo dos deuses e da morte.

A obra de Epicuro é volumosa e diversificada, eram cerca de 300 títulos, mas perderam-se com o passar dos anos, devido a ação do tempo. Restaram, porém, as cartas, uns quarenta aforismos, aproximadamente, que trazem em essência seus grandes ensinamentos e princípios filosóficos, e também algumas máximas, tais como *Máximas Principais* e *Sentenças Vaticanas*. Dentre elas, quatro são bastante conhecidas, são as *tetrapharmakon* (SANTOS, G., 2019), conforme descrito a seguir:

- 1) Não há nada a temer quanto aos deuses; porque “as coisas que a maioria das pessoas dizem sobre os deuses são baseadas em falsas suposições, não em um firme entendimento dos fatos” (EPICURO, 2019, s/p).
- 2) Não há necessidade de temer a morte; “visto que, quando somos, a morte não vem, e, quando a morte vem, nós não somos. Não é nada, então, nem para os vivos nem para os mortos, pois com os vivos não existe e com os mortos não existe mais” (EPICURO, 2019, s/p).

- 3) Podemos escapar da dor; “porque o fim de todas as nossas ações é ser livre da dor e do medo, e, uma vez alcançado tudo isso, a tempestade da alma é assentada” (EPICURO, 2019, s/p).
- 4) A felicidade é possível. Em relação a essa última máxima, explicaremos e discutiremos logo mais.

A fim de responder o porquê Epicuro traçou a ataraxia como objetivo da ação humana, Rogério Santos (2015, p. 9), em sua dissertação *Epicuro e o Epicurismo: A filosofia enquanto exercício para o bem-viver*, faz um levantamento das possíveis razões e salienta a importância de considerar o momento histórico que ele viveu. Por isso, antes de definirmos e aprofundarmos as discussões sobre a ataraxia, vamos primeiro entender o contexto que foi aplicada. Esclarece que, no século IV a.C., a Grécia perde sua total autonomia política, deixando de viver uma democracia para uma monarquia, cuja soberania vinha da Macedônia, sob os comandos de Alexandre. Mesmo após a morte do Grande, Atenas não conseguiu recuperar sua independência. Para piorar a situação, o centro comercial passou a ser Alexandria, que antes era Atenas. Então, o quadro político e econômico da Grécia estava desesperador. Foi nesse contexto conturbado que Epicuro desenvolveu sua filosofia e, diante da pobreza, da fome e do desânimo que se alastravam, a resposta do filósofo foi, nas palavras do autor (SANTOS, R., 2015, p. 10):

A ataraxia enquanto fim da ação, pois somente esse estado de imperturbabilidade físico e mental seria capaz de propiciar uma boa vida mesmo diante das inúmeras dificuldades. Para a conquista de tal estado, Epicuro pressupõe o pouco e o simples como condições suficientes para uma vida feliz.

Dessa forma, mesmo sob dificuldades, qualquer um poderia ser feliz. Em suma, para Epicuro, a felicidade é a busca pela ataraxia, que se conquista por meio da serenidade, tanto do corpo quanto da mente, e da simplicidade. Na *Carta a Meneceu sobre a felicidade*, o filósofo exemplifica a simplicidade: “uma refeição simples dá tanto prazer quanto uma dieta requintada, desde que a dor da necessidade seja removida: assim, pão e água conferem o maior prazer possível quando são levados aos lábios famintos” (EPICURO, 2019, s/p). Quer dizer que ter o necessário é condição para ser feliz, assim, para quem está faminto comer uma comida simples já é o suficiente para se satisfazer. Mas é preciso também se contentar com o que tem ao invés de se perturbar pelo que não possui, por isso Epicuro diz: “Consideramos a independência das coisas exteriores como um grande bem, não para que em todos os casos usemos pouco, mas para que nos contentemos com pouco se não tivermos muito” (EPICURO, 2019, s/p). Essa maneira de pensar e agir ganhou força naquele contexto instável da Grécia Antiga, porque as

peessoas precisavam de alguma razão para viver e se reerguer, sendo o pouco e o simples realidades para elas a felicidade também poderia ser.

Foi também num momento histórico conturbado que Fernando Pessoa começou a escrever os versos de Caeiro, pois o ano de 1914 marca o surgimento do heterônimo e, ao mesmo tempo, o início da Primeira Guerra Mundial, que Pessoa vivenciou intensamente ao ver a guerra chegar até o seu amado país, Portugal. Não é à toa que afirma, no prefácio do tradutor do livro *Páginas Íntimas e de Auto-interpretação* (PESSOA, 1966 apud PIZARRO; FERRARI, 2018, p. 280), que Caeiro tem indiferença pelos sentimentos, sofrimentos e alegrias humanas. Sobre esse assunto, Neuza Machado (CAEIRO, 2005, p. 8-9) comenta no prefácio do livro *Poemas*:

Todos os poemas, independentes dos sinais que os diferenciam, possuem em comum a marca de um poeta que procurou significar liricamente seu próprio interior multifacetado e, assim, conseqüentemente, significou as vidas fragmentadas dos homens de seu tempo, infelizes participantes de um determinado século fragmentado.

Com esses dizeres, Neuza deixa claro a sua visão de que, por trás de todos os heterônimos de Fernando Pessoa, existe o ortônimo, isto é, o próprio Pessoa, que através da criação literária conseguiu suportar o momento difícil que o mundo todo passava. Sob a ótica epicurista, o poeta português buscou a ataraxia, um estado de imperturbabilidade físico e mental, consciente ou não, assim, podemos dizer que os heterônimos são consequência desse momento caótico, que gerou em Pessoa um lírico fragmentado. Para a melhor compreensão da ataraxia, separamos essa definição presente no artigo *O Epicurismo na Poesia de Alberto Caeiro*, de Mendonça e Silva (2006, p. 797): “A proposta de Epicuro defende que devemos nos esforçar ao máximo para retirar do nosso caminho a dor e sofrimento (o que, na interpretação dele, significava não ter dores, no âmbito físico, e não sentir falta de serenidade, no âmbito da alma), utilizando, para esse fim, a razão”. Portanto, alcançar o estado de ataraxia significa ter o corpo são, sem dores, e a mente serena, sem sofrimentos. Caeiro é considerado o mestre de Pessoa porque sabe viver essa filosofia como ninguém. Ainda sobre ataraxia, Epicuro se refere a ela como sinônimo de prazer, mas não o erótico (EPICURO, 2019, s/p):

Quando dizemos, então, que o prazer é o fim e o objetivo, não nos referimos aos prazeres do pródigo ou aos gozos da sensualidade, como alguns nos entendem por ignorância, preconceito ou falsidade intencional. Por prazer entendemos a ausência de dor no corpo e de problemas na alma.

A busca pelo prazer para ele é o alfa e o ômega para uma vida feliz, ou seja, é o ponto de partida e a meta, pois só vamos em busca do que é agradável para nós e, simultaneamente, temos aversão a tudo que nos seja desagradável. Por isso que na entrada da sua escola tinha os

seguintes dizeres: “Forasteiro, aqui te sentirás bem. Aqui, o bem supremo é o prazer”. Em outras palavras, a felicidade é um dos alicerces do epicurismo. Outro alicerce é a crença que a fonte de todo conhecimento são as sensações. Rogério Santos (2015, p. 16), na dissertação anteriormente mencionada, afirma: “Para Epicuro, todo o conhecimento seria proveniente das sensações e nem mesmo a razão poderia contradizê-las”, isso porque a razão parte das sensações para fazer algum juízo. No entanto, as sensações podem se equivocar na hora de interpretar alguma coisa, sobre isso Epicuro adverte que a fonte do erro não está nos sentidos, mas sim na formulação apressada dos juízos acerca do objeto sensível. Para melhor entendimento, o autor deu um exemplo interessante: uma certa pessoa olha ao longe uma torre e a vê arredondada, ao chegar mais perto, percebe que, na verdade, ela é quadrada, isso quer dizer que, no primeiro momento, a visão captou uma imagem que era verdadeira até se aproximar do objeto sensível e perceber que teve uma resposta apressada, pois, na realidade, a torre é quadrada. A conclusão que Santos chegou em relação a isso foi (SANTOS, R., 2015, p. 15):

Com esse raciocínio Epicuro almejava duas coisas: (a) mostrar que os sentidos captam fenômenos de forma verdadeira, ou seja, os sentidos captam o sensível tal como ele se apresenta e, portanto, é uma apreensão verdadeira; (b) mostrar que, em certa medida, a verdade das coisas é sempre em relação a nós: um vinho pode ser mais doce para um do que para outro sem que isso implique em falsidade.

Em síntese, as sensações apreendem informações do mundo sensível de forma verdadeira que, entretanto, podem mudar de indivíduo para indivíduo. O que é considerado aqui é a sensação de alguém em relação a algo e não como esse algo de fato é, que Rogério Santos (2015, p. 16) define assim, segundo o pensamento epicurista: “A verdade para nós (que pode ser fonte de inquietude) e a verdade da ciência (que tem por objetivo dizer o que é e dissolver a inquietude)”. O que distingue uma verdade da outra é a influência subjetiva do sujeito, ou seja, as sensações acrescidas das emoções, que geram a inquietude, pois frequentemente substituímos o visível pelo imaginário, nos distanciando assim do objeto real. A ciência, entretanto, caracteriza-se pela racionalidade e neutralidade, dissipando as ilusões. Nessa mesma linha de pensamento, Mendonça e Silva (2006, p. 797) em seu artigo já citado, expressam: “Para o filósofo, a fonte de todo conhecimento é a sensação, uma vez que é por meio dos sentidos que conhecemos e interagimos com o meio e com as pessoas, através daquilo que sentimos e percebemos”. Por isso que Epicuro é considerado antimetafísico ou, como definiu o tradutor *Lúcio Jakobsmuschel* na introdução do livro *Carta a Meneceu sobre a felicidade* (EPICURO, 2019, s/p): “Desenvolveu uma metafísica impiedosamente materialista”.

3 ANÁLISE DOS POEMAS

O encontro entre a filosofia e a literatura tende a ser produtivo, pois a arte da palavra é mais refinada e lógica quando há o pensamento crítico e a reflexão, e a filosofia é mais compreensível e bela quando há palavras em versos como meio de expressão para ser compartilhada. Assim, temos em Epicuro o pensamento e em Caeiro a expressão através das palavras. Os princípios epicuristas, discutidos no capítulo anterior, podem ser resumidos em quatro afirmativas, que servirão de base para as análises dos poemas a seguir: 1. A felicidade é a busca pelo prazer, que se conquista por meio da serenidade e simplicidade; 2. A simplicidade é ter o necessário e se contentar com o que tem; 3. A serenidade é o corpo sem dor e a mente sem sofrimentos; 4. A fonte do conhecimento são as sensações e os sentidos nos dão apreensões verdadeiras. Cada poema analisado pode conter mais de um desses princípios ou todos, porém, haverá um deles que predomina. Começaremos pelo poema *IX – Sou um Guardador de Rebanhos*:

IX
 Sou um guardador de rebanhos.
 O rebanho é os meus pensamentos
 E os meus pensamentos são todos sensações.
 Penso com os olhos e com os ouvidos
 E com as mãos e os pés
 E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
 E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
 Me sinto triste de gozá-lo tanto,
 E me deito ao comprido na erva,
 E fecho os olhos quentes,
 Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
 Sei a verdade e sou feliz.

O heterônimo estudado é de fato um pastor de animais, mas nesse poema ele mesmo deixa claro que o “rebanho” admite outro sentido, que é de “pensamentos” dele, e estes se caracterizam por serem totalmente associados às sensações, isto é, seus pensamentos são as apreensões dos sentidos. Para ele, “pensar uma flor é vê-la e cheirá-la”, porque pensar sobre uma flor é menos importante que sentir com as sensações essa mesma flor, com a visão e o olfato. No livro *Páginas Íntimas e de Auto-interpretação* (PESSOA, 1966 apud PIZARRO; FERRARI, 2018, p. 290), Pessoa comenta exatamente sobre isso, se referindo a atitude caeiriana: “Ele vê as coisas apenas com os olhos, não com a mente. Não se deixa acometer por nenhum pensamento quando olha para uma flor”. Assim como é muito mais interessante e real sentir o gosto de um fruto com o paladar do que apenas imaginar como poderia ser. Da mesma

forma, sentir com o tato um dia de calor com todo o corpo, assim, ele sente realmente ou, como popularmente se diz, na pele, o que significa sentir calor, o que ainda é melhor do que apenas ficar imaginando. Isso retrata que Caetano preza a vivência acima da consciência, porque não é sentimentalista, mas sim realista, nem admite subjetivismos, sendo contra a interpretação do real pela inteligência que, para ele, limita a realidade, deixando por conta dos sentidos a assimilação.

Há uma recorrência gramatical nos poemas caetanos, que é consequência dessa forma de pensar, são os verbos no presente do indicativo que, resumidamente, indica que o falante exprime o fato como certo (TERRA, E.; NICOLA, J., 2005, p. 157). Nesse poema, todos os verbos conjugados estão no presente do indicativo que são, respectivamente e sem repetição: ser, pensar, ver, cheirar, sentir, gozar, deitar, fechar e saber. Isso mostra que o dito é coerente com sua crença sobre a verdade. Então, ao afirmar, por exemplo, que “comer um fruto é saber-lhe o sentido”, para ele, isso é tão verdadeiro quanto uma flor existir para ser vista e aspirada, pois admite como verdade tudo que possa comprovar com suas sensações. Ademais, mostra que vive inteiramente o presente, sendo ele a própria personificação do *Carpe Diem* horaciano, isto é, do “aproveitar o dia” enquanto pode, pouco se importando com o passado ou o futuro.

Outra característica gramatical recorrente é o predomínio do substantivo concreto que, em geral, designa coisas e seres que têm existência própria, na realidade ou na fantasia (por exemplo, os personagens do folclore), diferente dos substantivos abstratos, que não existem por si mesmos pelo fato de designarem características das coisas e dos seres e não eles (TERRA, E.; NICOLA, J., 2005, p. 87). Essa atitude reflete o pensamento materialista e sensacionista, se opondo à metafísica e ao abstracionismo; este significa, segundo o conceito formulado pelo filósofo e psicólogo norte-americano William James (1842-1910), a tendência de considerar as abstrações criadas pela mente, sejam representações ou conceitos, como realidades concretas e objetivas. Que é, justamente, ao contrário do que Caetano normalmente faz, ele é, sim, sensacionista, assim como Epicuro, porque acredita que as sensações são o único jeito, senão o mais eficaz, de se apreender o real. No poema, essa forma de pensar se expressa quando diz que pensa com os olhos, os ouvidos, as mãos, os pés, o nariz e a boca. À propósito, todos esses são substantivos concretos, e até quando utiliza um substantivo abstrato, “calor”, expressa a sua sensação térmica com substantivos concretos: “E me deito ao comprido na erva,/E fecho os olhos quentes,/Sinto todo o meu corpo deitado na realidade”. Os substantivos concretos “erva”, “corpo” e a expressão “olhos quentes” enfatizam que pensa e sente com os sentidos.

Portanto, no poema *IX*, predomina o quarto princípio epicurista enumerado, pois para pensar ele precisa sentir com as sensações, como Caeiro mesmo diz: “os meus pensamentos são todos sensações”, e a resposta dos sentidos é para ele a verdade: “Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,/Sei a verdade e sou feliz”. Ao se afirmar feliz, também constatamos o princípio um, pois busca satisfazer o seu prazer de pensar e conhecer o mundo por intermédio das sensações e, ao fazer isso, se sente satisfeito por completo, ao declarar: “me sinto triste de gozá-lo tanto”. Essa tristeza é apenas momentânea, provavelmente por sentir o efeito do calor em excesso no seu corpo ao escolher sentir a realidade, visto que nos versos seguintes demonstra estar sereno, se autoafirmando feliz. No artigo *O Epicurismo na Poesia de Alberto Caeiro*, Mendonça e Silva (2006, p. 800) tecem comentários sobre o poema analisado, ressaltando a simplicidade em Caeiro correspondente a de Epicuro: “É nesse contato com a natureza que se evidencia a simplicidade cortejada por Epicuro”, como ser um guardador de rebanhos, apreciar as flores, comer as frutas que as árvores dispõem, deitar na grama num dia ensolarado etc. E completam: “Ambos sabem apreciar o que a vida tem de melhor a lhes oferecer: uma simplicidade transparente espantosa” (MENDONÇA; SILVA, 2006, p. 800). Vemos, desde o primeiro verso, quando ele diz: “sou um guardador de rebanhos”, a aceitação da sua vida, e no decorrer dos versos tem a mesma atitude pela natureza como ela é, ao ver as flores como são, ao desfrutar o calor que o dia oferece e é contente assim, com a simplicidade. Logo, o poema *IX* possui todos os princípios epicuristas enumerados. Vejamos agora o próximo, *XXI – Se eu Pudesse*:

XXI

Se eu pudesse trincar a terra toda
E sentir-lhe um paladar,
Seria mais feliz um momento...
Mas eu nem sempre quero ser feliz.
É preciso ser de vez em quando infeliz
Para se poder ser natural.

Nem tudo é dias de sol,
E a chuva, quando falta muito, pede-se
Por isso tomo a infelicidade com a felicidade
Naturalmente, como quem não estranha
Que haja montanhas e planícies
E que haja rochedos e erva...

O que é preciso é ser-se natural e calmo
Na felicidade ou na infelicidade,
Sentir como quem olha,
Pensar como quem anda,
E quando se vai morrer, lembrar-se de que o dia morre,
E que o poente é belo e é bela a noite que fica...
Assim é e assim seja...

Esse poema representa bem o que Fernando Pessoa disse sobre seu mestre ser contraditório e que esta é, exatamente, a essência da sua grandeza poética. No primeiro parágrafo, vemos o “poeta do presente e das sensações” pensando sobre uma hipótese de felicidade; utiliza-se, para isso, do modo subjuntivo, que indica, justamente, ações irreais, incertas, desejadas, e até possíveis de realizar, mas que ainda não aconteceram (TERRA, E.; NICOLA, J., 2005, p. 157). No caso, a visão que tem sobre ser mais feliz é irreal, pois é impossível experimentar o gosto de toda a terra existente e seria, inclusive, muito prejudicial à saúde. Certamente sabe disso, no entanto, não é de seu intento concretizar esse devaneio, pois nem sempre seu desejo é ser feliz, mas sim, de vez em quando, infeliz, para ser natural, cujo sentido aqui é de estar de acordo com a natureza.

Explica-se, na segunda estrofe, através do que já comprovou observando a natureza, nem todos os dias são ensolarados e é natural que, às vezes, precise chover para que haja um equilíbrio ambiental, da mesma forma que não existem só planícies e ervas, mas também montanhas e pedras. É preciso que haja mudanças no estado das coisas, assim como no estado emocional do ser, para que possa ser percebida a singularidade de cada coisa e assim valorizar cada estado. Seguindo esse raciocínio, só sabemos que algo é plano, porque existem as montanhas e, da mesma forma, valorizamos ainda mais a felicidade quando passamos por momentos de infelicidade, pois, de outro modo, não saberíamos que éramos felizes, até mudar o estado emocional e percebermos. Então, quando Caetano diz: “Por isso tomo a infelicidade com a felicidade”, quer dizer que ele é feliz, mesmo estando infeliz, pois satisfaz seu desejo de estar de acordo com as leis naturais. É dessa absoluta naturalidade na poética caetana que se referiram Pizarro e Ferrari (2018).

A terceira estrofe pode ser resumida a uma palavra: serenidade. Quando diz que é preciso ser natural e calmo tanto na felicidade quanto na infelicidade nos remete ao ideal epicurista de buscar manter o corpo sem dor e a mente sem sofrimentos, em todos os momentos, especialmente nas horas de dificuldade. Para isso, ele se firma nas sensações, naquilo que é palpável, e não nas emoções e pensamentos, que são imateriais e podem perturbar ainda mais a realidade, ao dizer: “Sentir como quem olha,/Pensar como quem anda”. Os verbos “olhar” e “andar” se remetem aos sentidos da visão e do tato, para que os sentimentos e pensamentos, respectivamente, tenham o critério das sensações, atitude esta que Rogério Santos (2015, p. 16) ressaltou, em sua dissertação já mencionada, como sendo “a verdade da ciência, que tem por objetivo dizer o que é e dissolver a inquietude”.

Refere-se também a morte como um fenômeno natural, que não se deve temer, mais uma vez se apoiando no que pode ser comprovado observando a natureza, comparando a morte ao dia que, naturalmente, termina e dá início à noite. Essa visão do desfecho da vida é a mesma do epicurismo, visto que “tolo, portanto, é a pessoa que diz que teme a morte, não porque ela vai doer quando vier, mas porque dói na expectativa” (EPICURO, 2019, s/p). Os mestres Caieiro e Epicuro encaram a vida e a morte com serenidade e naturalidade, por isso o poema termina com o verso: “Assim é e assim seja...”. Portanto, no poema XXI, predomina o terceiro princípio epicurista, mas também abrange todos os outros, pois a infelicidade faz parte do desejo dele de ser feliz verdadeiramente, conforme a natureza é, com simplicidade e serenidade; essa simplicidade se expressa novamente no contato com a natureza e na aceitação plena dos estados naturais da vida e do ser humano; por fim, também se apoia nas sensações para manter sua estabilidade.

O próximo poema, diferente dos anteriores, não está no livro *O Guardador de Rebanhos*, mas na obra caeiriana *O Pastor Amoroso*, que conta, em versos, a sua experiência ao se apaixonar pela primeira vez. O poema I – *Quando Eu Não Te Tinha* representa a primeira fase dessa paixão:

I
 Quando eu não te tinha
 Amava a Natureza como um monge calmo a Cristo...
 Agora amo a Natureza
 Como um monge calmo à Virgem Maria,
 Religiosamente, a meu modo, como dantes,
 Mas de outra maneira mais comovida e próxima.
 Vejo melhor os rios quando vou contigo
 Pelos campos até à beira dos rios;
 Sentado a teu lado reparando nas nuvens
 Reparo nelas melhor...
 Tu não me tiraste a Natureza...
 Tu não me mudaste a Natureza...
 Trouxeste-me a Natureza para ao pé de mim.
 Por tu existires vejo-a melhor, mas a mesma,
 Por tu me amares, amo-a do mesmo modo, mas mais,
 Por tu me escolheres para te ter e te amar,
 Os meus olhos fitaram-na mais demoradamente
 Sobre todas as cousas.

Não me arrependo do que fui outrora
 Porque ainda o sou.
 Só me arrependo de outrora te não ter amado.

Vemos aqui que Caieiro está um pouco diferente do habitual, está mais comovido, mais emocional, e mesmo enfatizando que não deixou de ser quem sempre foi, reconhece que mudou sua postura, está “de outra maneira mais comovida e próxima”. Tanto é que, o “poeta do

presente e das sensações”, começa o poema se remetendo ao passado, dizendo: “Quando eu não te tinha”. O verbo “ter” está conjugado no pretérito imperfeito do modo indicativo, que expressa um passado ainda em curso, recente (TERRA, E.; NICOLA, J., 2005, p. 158). Prossegue, dizendo: “Amava a Natureza como um monge calmo a Cristo...”. O verbo “amar” está na mesma conjugação, indicando que ele amava, e ainda ama, a natureza. O amor que ele tinha pela mesma era grandioso, pleno “ao cubo”, pois usou três palavras que, associadas, significam uma plenitude extrema: monge, calmo e Cristo. Mas, no presente, esse amor pela natureza é: “Como um monge calmo à Virgem Maria”. O “monge calmo” permanece, porém, traz agora a significação de Maria, mãe de Jesus. Representa uma comparação ainda mais próxima da natureza, trazendo a imagem da mãe do homem que foi o mais pleno de todos e também da suprema pureza, pois ela é um dos maiores símbolos da pureza que a humanidade tem, por gerar Jesus sendo virgem e, antes de tudo, sendo digna de ser a sua genitora. Além de que a natureza se assemelha mais a uma mãe, por ela ser a grande progenitora da vida, não à toa conhecida como “mãe natureza”. Portanto, ele ama a natureza ainda mais plenamente depois de ter se apaixonado, passando a ver melhor os rios, as nuvens, tudo em sua volta, já que desde então: “os meus olhos fitaram-na mais demoradamente/Sobre todas as cousas”.

A experiência de Caeiro de amar e ser amado aguçou mais ainda os seus sentidos e a sua felicidade se intensificou em relação à antigamente, tal é o poder de uma novidade na sua vida. Apesar de satisfeito com a vida que levava, a vivência de algo novo foi capaz de torná-lo mais feliz, é o que declara ao concluir o poema: “Não me arrependo do que fui outrora/Porque ainda o sou./Só me arrependo de outrora te não ter amado”. Quando afirma que ela não tirou nem mudou a natureza, mas “Trouxeste-me a Natureza para ao pé de mim”, traduz a simplicidade de aceitar e aproveitar o que a vida lhe concedeu e a serenidade de lidar com o novo sentimento, o amor, com naturalidade. Esse sentimento intensificou suas percepções sensoriais pela natureza, é o que expressa nesses versos: “Por tu existires vejo-a melhor, mas a mesma,/Por tu me amares, amo-a do mesmo modo, mas mais”; há uma explicação química para isso, pois, o corpo da pessoa apaixonada, produz vários hormônios, tais como adrenalina, noradrenalina, dopamina, serotonina, endorfinas etc., dentre as quais destacamos a “dopamina”, o hormônio do prazer, que produz a sensação de felicidade (SOUZA, 20--), por isso se aguçam as sensações dele.

No decorrer do poema, é notável a busca de se manter sereno quando está na presença da mulher amada, sempre buscando o amparo das sensações no contato com a natureza, “Religiosamente, a meu modo, como dantes”, quando diz, por exemplo: “Vejo melhor os rios

quando vou contigo/Pelos campos até à beira dos rios;/Sentado a teu lado reparando nas nuvens/Reparo nelas melhor...”. Esse apoio é mais notável e crucial quando o mestre Caeiro sofre uma decepção, ao descobrir que, na verdade, não era amado por ela. Refere-se a isso no poema VIII, último do livro *O Pastor Amoroso*, nesse fragmento:

Ninguém o tinha amado, afinal.
Quando se ergueu da encosta e da verdade falsa, viu tudo:
Os grandes vales cheios dos mesmos vários verdes de sempre,
As grandes montanhas longe, mais reais que qualquer sentimento,
A realidade toda, com o céu e o ar e os campos que existem,
E sentiu que de novo o ar lhe abria, mas com dor, uma liberdade no peito.³

Constatamos que, para superar sua decepção amorosa, Caeiro volta-se para o que é concreto, real aos sentidos físicos, e para ele nada é mais real, muito mais que qualquer sentimento, que os “grandes vales”, as “grandes montanhas”, o “céu”, o “ar”, os “campos”, enfim, a natureza. Porém, mesmo sendo anti-sentimental, sofre com a desilusão, como ele mesmo admite ao dizer que se sente livre outra vez, “mas com dor”. No poema anterior a esse, o VII, já desiludido, também se apoia nas sensações, sem deixar de admitir seu esmorecimento: “o dourado do sol seca as lágrimas pequenas que não posso deixar de ter./Como o campo é grande e o amor pequeno!”⁴. Esses recortes serviram para mostrar o quanto Caeiro precisa das sensações para se manter sereno e feliz. Portanto, o poema I, é a ilustração do princípio 1, incluindo todos os outros, pois a sua felicidade duplica com a novidade dos hormônios da paixão e o prazer que tinha antes de viver sua vida, com simplicidade, serenidade e com as sensações, se torna maior então. Vamos, enfim, ao último poema para análise, com o XLIX – *Meto-me para Dentro*, que também é o último poema do livro *O Guardador de Rebanhos*:

XLIX
Meto-me para dentro, e fecho a janela.
Trazem o candeeiro e dão as boas-noites.
E a minha voz contente dá as boas-noites.

³O pastor amoroso perdeu o cajado./E as ovelhas tresmalharam-se pela encosta./E, de tanto pensar, nem tocou a flauta que trouxe para tocar./Ninguém lhe apareceu ou desapareceu... Nunca mais encontrou o cajado./Outros, praguejando contra ele, recolheram-lhe as ovelhas./Ninguém o tinha amado, afinal./Quando se ergueu da encosta e da verdade falsa, viu tudo:/Os grandes vales cheios dos mesmos vários verdes de sempre./As grandes montanhas longe, mais reais que qualquer sentimento./A realidade toda, com o céu e o ar e os campos que existem./E sentiu que de novo o ar lhe abria, mas com dor, uma liberdade no peito.

⁴Talvez quem vê bem não sirva para sentir/E não agrade por estar muito antes das maneiras./É preciso ter modos para todas as cousas./E cada cousa tem o seu modo, e o amor também./Quem tem o modo de ver os campos pelas ervas/Não deve ter a cegueira que faz fazer sentir./Amei, e não fui amado, o que só vi no fim,/Porque não se é amado como se nasce mas como acontece./Ela continua tão bonita de cabelo e boca como dantes,/E eu continuo como era dantes, sozinho no campo./Como se tivesse estado de cabeça baixa,/Penso isto, e fico de cabeça alta/E o dourado do sol seca as lágrimas pequenas que não posso deixar de ter./Como o campo é grande e o amor pequeno!/Olho, e esqueço, como o mundo enterra e as árvores se despem./Eu não sei falar porque estou a sentir./Estou a escutar a minha voz como se fosse de outra pessoa./E a minha voz fala dela como se ela é que falasse./Tem o cabelo de um louro amarelo de trigo ao sol claro,/E a boca quando fala diz cousas que não há nas palavras./Sorri, e os dentes são limpos como pedras do rio.

Oxalá a minha vida seja sempre isto:
 O dia cheio de sol, ou suave de chuva,
 Ou tempestuoso como se acabasse o Mundo,
 A tarde suave e os ranchos que passam
 Fitados com interesse da janela,
 O último olhar amigo dado ao sossego das árvores,
 E depois, fechada a janela, o candeeiro aceso,
 Sem ler nada, sem pensar em nada, nem dormir,
 Sentir a vida correr por mim como um rio por seu leito.
 E lá fora um grande silêncio como um deus que dorme.

É perceptível o quanto Caeiro é feliz com sua vida e, mesmo simples, a valoriza sobremaneira, ao ponto de, ao entrar na sua casa, ao anoitecer, usa o termo “meto-me” para dentro, como se fosse algo que ele não deveria fazer, uma espécie de absurdo. Afinal, ele ama a vida que leva e é um profundo admirador da natureza, vivendo o *Carpe Diem* todos os dias, não importando se o dia está: “cheio de sol, ou suave de chuva,/Ou tempestuoso como se acabasse o Mundo”. Observa, atentamente, uma tarde suave e pessoas que passam através da sua janela, pois o que deseja é desfrutar o dia do jeito que se apresenta e com as surpresas que pode lhe trazer, sem preferências e até sem aspirações. Apenas deseja fervorosamente que possa viver sempre assim: “Oxalá a minha vida seja sempre isto”. Quando, finalmente, anoitece e não dá mais para apreciar os arredores naturais, fecha a janela e não lê, não pensa, não dorme, não faz nada, mas uma coisa ele faz: mete-se para dentro e assim fica, literalmente, em silêncio, desfrutando o prazer de estar vivo e de apenas fazer isso. Por isso que, Mendonça e Silva (2006, p. 800), no seu artigo *O Epicurismo na Poesia de Alberto Caeiro*, afirmam que Caeiro é um epicurista:

É possuidor de uma sabedoria que se manifesta através da maneira como conduz sua vida: vive pacatamente, no campo, em meio à natureza e desfrutando de uma vida feliz, em pleno estado de ataraxia (ausência de angústia) e imperturbabilidade de espírito. Significa dizer que a vida bucólica o satisfaz por completo, e ele com ela se apraz.

Portanto, esse poema ilustra, mais uma vez, que Caeiro vive os princípios da felicidade, da simplicidade, da serenidade e das sensações epicuristas, sendo esse a representação da simplicidade, porque, como disseram os autores do artigo: “a vida bucólica o satisfaz por completo, e ele com ela se apraz”, utilizando-se dos sentidos para usufruir ao máximo as belezas e sensações reais que a natureza pode lhe oferecer dia a dia e vive contente e sereno assim. Para Epicuro, o homem sábio consegue ser feliz com o estritamente necessário, assim como o poeta bucólico e de espécie complicada, Alberto Caeiro.

4 CONCLUSÃO

É notável a correlação das ideias entre os princípios epicuristas, da felicidade, da simplicidade, da serenidade e das sensações, e a poética de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa. Caeiro é um poeta múltiplo e, ao mesmo tempo, singular, podendo ser definido como o poeta da natureza, da objetividade, da espontaneidade, da naturalidade, da originalidade, do materialismo, do concreto, das sensações, da simplicidade etc. Enfim, são muitas definições, entretanto, o que encanta na sua poética é a capacidade de ser absolutamente tudo isso, mas também expressar certas características que soam contraditórias, é o caso de possuir nos seus versos espiritualidade, apesar de se dizer antimetafísico. Por isso que sua obra é abrangente e aceita várias interpretações e vertentes críticas. A obra de Epicuro também é vasta e legou uma filosofia prática para o cotidiano, principalmente diante dos momentos mais difíceis da vida, propondo uma felicidade alcançável pela busca da saúde do corpo e serenidade da mente, através de uma vida simples.

A literatura e a filosofia se fundamentaram mutuamente. Ilustramos quatro poemas caeirianos e cada qual representou um princípio epicurista, mas todos demonstraram conter os quatro princípios enumerados. O poema *IX – Sou um Guardador de Rebanhos* foi a ilustração do princípio das sensações, prescrevendo que a fonte do conhecimento são as sensações e os sentidos nos dão apreensões verdadeiras. O poema *XXI – Se Eu Pudesse* representou a serenidade epicurista, definida como o corpo sem dor e a mente sem sofrimentos. O poema *I – Quando Eu Não Te Tinha* ilustrou a felicidade, entendida como a busca pelo prazer, que se conquista por meio da serenidade e simplicidade. O poema *XLIX – Meto-me para Dentro* foi a representação da simplicidade epicurista, que é ter o necessário e se contentar com o que tem. Sendo assim, esses poemas analisados demonstraram que as ideias do heterônimo Alberto Caeiro têm correlação com as ideias epicuristas.

Entretanto, a pesquisa não termina aqui. Para futuros trabalhos recomendamos a apreciação desses e de outros poemas caeirianos, sob a ótica desses e de outros princípios epicuristas. Sugerimos que os poemas sejam analisados também no sentido não literal, e não apenas “ao pé da letra”, como predominou neste trabalho, o que é um grande desafio, pois Caeiro é extremamente objetivo. Porém, como a contradição incorpora sua poética, é possível ir além do dito e fazer análises mais subjetivas. Uma interpretação possível seria que, nos poemas *XXI – Se Eu Pudesse* e *XLIX – Meto-me para Dentro*, há o conceito da expressão latina *Amor Fati*, que significa “amor ao destino”, e representa, na filosofia de Friedrich Nietzsche (1844-1900), a aceitação integral dos acontecimentos da vida e da morte. Ou ainda, no poema

XXI – *Se Eu Pudesse*, poderia relacionar as ideias de felicidade e infelicidade com a visão de alegria e tristeza do poeta Khalil Gibran na sua obra *O Profeta*, sintetizada neste verso: “Quando alegres, examinem o fundo de seu coração e vão constatar que na verdade o que lhes causou tristeza consiste no que lhes dá alegria. Quando tristes, tornem a examinar o coração e vão perceber que na verdade choram pelo que lhes proporcionou regozijo” (GIBRAN, 2013, p. 47). Que se relaciona, dentre outros, com esse verso do poema citado de Caetano: “Nem tudo é dias de sol,/E a chuva, quando falta muito, pede-se/Por isso tomo a infelicidade com a felicidade”.

Ademais, sugerimos uma pesquisa diferente, que objetive encontrar na poética de Caetano a metafísica, o espiritualismo e o misticismo. O próprio Fernando Pessoa encontrou e até Caetano afirma em um de seus poemas: “Há metafísica bastante em não pensar em nada”. Um bom exemplo dessa tríade na poética caetaniana é o poema *I – Quando Eu Não Te Tinha*, pois é uma demonstração da sua profunda devoção à natureza que, à propósito, sempre a expressa com letra maiúscula em seus poemas, sinal de respeito, e o seu amor e culto por ela só se intensificam ao se apaixonar por alguém. Essa devoção à natureza traduz o misticismo e todos os sentimentos e abstrações envolvidas caracterizam o espiritualismo e a metafísica, afinal, para Caetano, a natureza é “como um deus que dorme”. Enfim, que seja um ponto de partida para novos trabalhos. E esse tinha que começar e terminar com a palavra poesia.

REFERÊNCIAS

CAEIRO, A. **Poemas**. Vol. 23. – Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2005.

CAEIRO, A. **O Pastor Amoroso**. 1.ed. – Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/vo000006.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2020.

EPICURO. **Carta a Meneceu sobre a Felicidade**. Introdução, tradução e notas de Lúcio Jakobsmuschel. São Paulo: Montecristo Editora, 2019. *E-book*.

GIBRAN, K. **O Profeta**. São Paulo: Martin Claret, 2013.

MENDONÇA, L. B; SILVA, D. C. S. e. O Epicurismo na Poesia de Alberto Caeiro. In: Seminário de Iniciação Científica, 4., 2006, Goiás, p. 795-801. **Anais...** Fortaleza: UEG, 2006. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12936184/o-epicurismo-na-poesia-de-alberto-caeiro-prp-ueg>. Acesso em: 20 fev. 2020.

PESSOA, F. **Poesia de Ricardo Reis**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

PIZARRO, J.; FERRARI, P. **Obra Completa de Alberto Caeiro / Fernando Pessoa**. 1.ed. – Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2018.

MIRANDA, J. G. **Significado de Metafísica**. Abstracta, 2019. Disponível em: <https://abstracta.pro.br/metafisica/>. Acesso em: 21 fev. 2020.

SANTOS, G. dos. **Epicuro: um dos precursores do materialismo dialético**. 2019. Disponível em: https://medium.com/@glailsonsantos_91163/epicuro-um-precursor-do-materialismo-dial%C3%A9tico-75587a6f6e34. Acesso em: 21 fev. 2020.

SANTOS, R. L. dos. **Epicuro e o Epicurismo: A filosofia enquanto exercício para o bem-viver**. 2015. 119 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

OBJETIVIDADE. In: Significados. 2017. Disponível em: <https://www.significados.com.br/objetividade/>. Acesso em: 19 fev. 2020.

SOUZA, L. A. de. **Química do Amor**. Brasil Escola, [20--]. Disponível em: <https://brasilestela.uol.com.br/quimica/a-quimica-amor.htm>. Acesso em: 11 mar. 2020.

TERRA, E.; NICOLA, J. **Gramática de Hoje**. Ed. refor. – São Paulo: Scipione, 2005.

WOOK. **Jerónimo Pizarro**. Porto: Grupo Porto Editora, [20--a]. Disponível em: <https://www.wook.pt/autor/jeronimo-pizarro/41946>. Acesso em: 02 mar. 2020.

WOOK. **Patricio Ferrari**. Porto: Grupo Porto Editora, [20--b]. Disponível em: <https://www.wook.pt/autor/patricio-ferrari/1544363>. Acesso em: 02 mar. 2020.